

Banco de dados deverá revelar temas da pesquisa científica brasileira

por Mariluce Moura
de São Paulo

O Brasil não sabe que temas de pesquisa têm mobilizado seus cientistas nos últimos anos e, muito menos, se tais temas, atendem a demandas do setor produtivo nacional. Existem a esse respeito dados dispersos, vagos — como a informação do Ministério da Ciência e Tecnologia de que mais de 60% das pesquisas brasileiras concentram-se nas ciências biológicas — e uma certa idéia sobre áreas em que o País acumulou competência, caso do melhoramento genético. Mas não há estatísticas globais e atualizadas sobre a investigação científica e tecnológica. Aliás, nunca houve.

Essa deficiência básica do chamado sistema nacional de desenvolvimento científico e tecnológico é que a Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica e Industrial (ABIPTI), com sede em Brasília, resolveu atacar, num levantamento, já iniciado, que deverá compor uma base de dados informatizada, onde estarão classificados os mais importantes temas de estudo e os pesquisadores que atuam no Brasil.

“Teremos os temas de pesquisa classificados por sua relevância econômica, social, ou estratégica”, diz o coordenador do projeto e diretor adjunto da ABIPTI, Ivan Rocha. O levantamento não discriminará pesquisa básica e aplicada e terá uma classificação orientada acima de tudo “pelo uso que a sociedade, incluindo, portanto, os setores econômicos, poderá fazer dos resultados das investigações”, adverte Rocha.

Essa orientação vai determinar que estudos muito especulativos das áreas de ciências humanas sejam mantidos fora da base de

dados, já batizada de modo um tanto pomposo: “Matriz de competência da base técnico-científica nacional”.

INFORMAÇÕES DAS AGÊNCIAS DE FOMENTO

A ABIPTI é uma instituição não governamental, mantida por quarenta entidades que têm vinculações com o setor produtivo, como o Senai, a Embrapa, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e o Instituto de Coudros e Calçados de Novo Hamburgo.

Na sua preocupação com dados mais confiáveis sobre pesquisas no Brasil, para oferecê-los ao setor produtivo, a associação manteve contatos com a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), que durante algum tempo mostrou interesse pelo problema.

“A SAE, contudo, se desinteressou e, por iniciativa própria, a ABIPTI, no segundo semestre do ano passado, aprovou o projeto de criação de um centro de informações tecnológicas”, relata Rocha. Na prática, é a formação desse centro que está sendo iniciada com a coleta de dados da matriz de competência, começada em fins de 1992.

Essa matriz, na avaliação de Ivan Rocha, que é também engenheiro e pesquisador do Núcleo de Política Científica e Tecnológica da Universidade de Brasília (UnB), deverá facilitar em muito “os casamentos” entre centros de pesquisa e usuários do setor produtivo. E ela será obtida, segundo diz, a um custo baixo (que por ora ele não esclarece), uma vez que não se baseia em levantamento direto junto aos pesquisadores, mas em organização dos dados de agências de fomento, prorrogorias de pesquisa das universidades brasileiras,

institutos de pesquisa autônomos em empresas.

“É preciso destacar que não foi apenas por razões de custo que optamos pelo levantamento indireto”, observa Rocha. “Precisamos saber exatamente o que está sendo pesquisado e não o que o pesquisador desejaria investigar. Nesse sentido, as informações das agências que financiam os estudos, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), são muito mais precisas e refletem melhor o quadro real”, diz.

Do final do ano passado, até agora, a ABIPTI já classificou cerca de quatro mil temas e a essa altura prevê que cobrirá o universo total das pesquisas científico-tecnológicas com 12 mil temas. O primeiro trabalho de classificação de tudo isso deverá estar concluído

dentro de aproximadamente três meses.

Por ora, Rocha julga prematuro estimar em que áreas o Brasil possui mais massa crítica e que temas, embora “badalados”, são objeto de estudos excessivamente esporádicos. “É visível que ainda se trabalha muito em melhoramento genético, como já se sabia, mas é surpreendente a quantidade de trabalhos na área de sistemas dinâmicos de Física e de Matemática. Daí, retirar conclusões nesse momento é muito arriscado”, comenta ele.

A base de dados da ABIPTI, além da classificação de temas, terá um segundo corte por natureza das instituições. “Estamos mapeando pesquisas de universidades, de institutos de pesquisa, de empresas e de outros órgãos de governo”, explica o coordenador do projeto.